



FERNANDO HENRIQUE TEVE DE CONVENCER PESSOALMENTE O PRÓPRIO JOSÉ SERRA (PSDB) DA NECESSIDADE DE PROMOVER ENCONTRO COM OS PRESIDENCIÁVEIS PARA DISCUTIR A CRISE

FHC, o gerente da crise

Rudolfo Lago e
Vincente Nunes
Da equipe do **Correio**

No início da semana, o próprio presidente Fernando Henrique Cardoso viu-se obrigado a convencer o candidato do PSDB, José Serra, da necessidade do encontro com os presidenciáveis na segunda-feira para discutir a crise financeira. Serra era contrário às reuniões. Temia que se passasse a imagem de que o presidente jogara a toalha, e já admitia a vitória de um candidato da oposição. Afinal, se Fernando Henrique confiava ainda no desempenho eleitoral de Serra, o encontro se tornava dispensável, uma vez que ele é o candidato do governo, comprometido, portanto, com a continuidade da política econômica. Certo da importância simbólica do encontro, porém, Fernando Henrique cortou a resistência de Serra no nascodouro.

“Eu tenho que fazer isso para simbolizar ao mercado que ninguém vai chegar de soturno mudando tudo”, explicou Fernando Henrique na conversa com Serra. O candidato não teve alternativa: “Se é fundamen-

tal para o país, tudo bem”. Ontem, o presidente do PSDB, José Aníbal, resumiu o sentimento que obriga o presidente a se encontrar com os candidatos à sua sucessão. “Há uma crise de confiança que envolve a química das eleições, de que o nosso candidato (Serra) não decolou”, disse Aníbal. “E há uma dúvida legítima de que outro candidato não vai reunir a maioria política necessária para governar”, completou.

Na conversa com Serra, Fernando Henrique deixou explícito que assumiu de vez um papel que rejeitava em 1999, pouco depois de assumir seu segundo mandato: o de “gerente da crise”. Ele próprio criou o termo na época. Queria dizer que a bomba que se anunciará quando o país sentiu os efeitos dos problemas financeiros na Rússia estava desarmada.

Agora, porém, o termo que Fernando Henrique rejeitou reaparece como definição perfeita do papel que o próprio FMI reservou ao presidente, ao exigir que ele obtivesse o apoio dos presidenciáveis ao pacote de US\$ 30 bilhões. Ao mesmo tempo, o presidente precisa dar

demonstrações concretas de capacidade de administração do problema. Nessa tarefa, Fernando Henrique dedicou boa parte do dia de ontem a preparar um minipacote de medidas para acalmar os investidores e ajudar o Banco Central a retomar o controle da situação (*leia na página 13*).

MEDO DA ARMADILHA

Na verdade, essa não é a disposição dos candidatos. O único que tem feito críticas mais duras ao acordo é Anthony Garotinho, do PSB, justamente aquele com menos chances de vir a vencer as eleições. Para os demais, como o cenário sucessório é incerto, ninguém quer correr o risco de assumir um governo em profunda crise econômica. Por isso, demonstrarão a boa vontade pedida pelo presidente. Temem, porém, uma armadilha em que Fernando Henrique possa depois usar um discurso atribuindo a eles um eventual fracasso.

Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, pretende levar várias propostas concretas. Sabe que, simbolicamen-

te, isso dará ao eleitor a conotação de que ele, líder nas pesquisas, já se comporta como o chefe de um governo transitório. Proporá uma minirreforma tributária, e comemora o fato de que o próprio presidente já admitiu se empenhar agora para promover modificações na política fiscal. E voltará a exigir gestos de apoio à produção nacional, na crença de que a saída está no crescimento da economia interna. Lula voltará a criticar o fato de a Petrobras ter encorajado a Singapura e à No-

ruega a construção de plataformas de petróleo. E proporá também que os caças que a Força Aérea Brasileira está encomendando a empresas estrangeiras sejam produzidos no Brasil com transferência de tecnologia.

No seu encontro com Fernando Henrique, Garotinho pretende ser mais duro. Vai reafirmar suas posições contra a política econômica do governo e se recusará a assumir qualquer tipo de apoio ao acordo firmado com o Fundo Monetário Internacional.

Ciro Gomes, do PPS, é mais lacônico quanto às idéias que discutirá com o presidente. Afirma que está mais disposto a ouvir do que a falar. Ciro, porém, vai se reunir com seus assessores para levar um cardápio de propostas. As conversas estão sendo conduzidas pelo coordenador político de Ciro, Walfrido Mares Guia.

Serra tentará se apresentar como o candidato sobre o qual não devem pairar dúvidas quanto à continuidade da política econômica.

COLABORARAM DENISE ROTHENBURG, LUIZ FERNANDO GODINHO E UGO BRAGA